

Simpósio Projeto Calha Norte - UnB/Minc - 26/11/1987 (transcrição

Dominique Buchillet).

A. Ramos

"Eu só queria dar o meu palpite sobre o Projeto Calha Norte (PCN) se você me permitem. As preocupações que me invadem quando eu penso no que é PCN. Acho que é mais um exemplo da memória curta que este país cultiva. Parece que todo mundo já esqueceu do desastre que foi a Transamazônica, a tentativa de se colonizar a Amazônia a partir de planos traçados em gabinetes a kms e kms de distância do local em que essa colonização ia ter lugar. Hoje é sabido que as consequências, da Transamazônica foram estreitamente desastrosas por pelo menos dois testes daquelas pessoas que foram levadas pra lá para colonizar aquelas áreas. Mesmo considerando que em algumas daquelas regiões da Transamazônica como em Altamira, o solo era muito fértil, tinha manchas de terra roxa, mesmo considerando todo isso, em termos de grande número de população deslocada principalmente do nordeste para aquela área, ou então do sul, foi muito desastroso porque se fez todo isso sem saber como é a ecologia da Amazônia e como ela reage em casos de colonização intensiva. Até hoje quem trabalha com populações indígenas sabe que as únicas populações que sabem o segredo de trabalhar com a Amazônia numa base permanente são as populações indígenas. O que o PCN pretende é vivificar as fronteiras, colonizar o que ele chama de "espacio vazio" : não estão vazios, existem Índios que ocupam aquelas áreas. Pode ser estreitamente desastroso porque uma grande quantidade de gente cortando a mata para fazer roças em grandes proporções só pode levar à devastação da mata e à destruição do solo, pelo que a gente já sabe da ecologia da Amazônia. É um negócio muito delicado. Uma das consequências que eu temo muito é a desertificação da Amazônia ao norte do rio Amazonas. Uma das outras consequências é a corrida aos minerais que, aliás, já esta acontecendo há bastante tempo; mas uma corrida mais volumosa com todo o respaldo do governo brasileiro. Até agora tem sido feita por garimpeiros; os garimpeiros são um pouco caóticos, para dizer o mínimo, e tem trazido problemas para as populações regionais e para o governo também que não quer uma exploração aliatória; ele quer uma exploração de minerais mais sistemática e as consequências desta sistematização, a gente pode adivinhar mas ainda não

tem resultados concretos. Parte dessa vivificação das fronteiras, que o PCN pretende, é encapsular as populações indígenas em blocos o mais menor possível. A idéia das colônias indígenas é uma maneira de colocar os Índios num local específico e abrir o resto das áreas indígenas para a colonização branca. Sobre isso, várias pessoas aqui tem experiência direta, estão sentido na pele o que quer dizer criar colônias indígenas".

Orlando Baré (Presidente da FOIRN/ARN)

"Eu quero agradecer essa equipe que esta promovendo este encontro que, por sinal, é uma equipe que esta preocupada com o destino das populações indígenas. Em relação ao PCN, eu queria um pouco falar de nossa história. Os salesianos chegaram no Rio Negro mais ou menos em 1914 mas, antes disso, já viam outros religiosos que estavam com intenção de cristianizar as populações indígenas. A reação nossa, dos Baré principalmente no Rio Negro, foi uma reação muito forte, contrária às posições dos missionários, dos Carmelitas, dos Jesuitas. Eles entraram no ARN como se fosse a terra deles, mas os Índios estranharam a entrada desse pessoal e mandaram de volta. Mas porque mandaram de volta? exatamente por isso : primeiro já houve até um certo desrespeito por parte desses missionários. A nossa caminhada foi segundo. O nosso povo com sua própria economia, economia indígena, sua filosofia de vida específica, o povo sempre viajando de cima para baixo, nos somos um povo que viaja muito neste Rio Negro tanto que nos temos parentes lá na Venezuela, no médio Rio Negro, pelo baixo rio Negro, na área de Barcelos, Santa Isabel, São Gabriel, Cucui, Taracua. Então nos nos espalhamos muito no ARN. As nossas terras sempre foram daquele tipo de que a gente passa tempo a cultivar uma área, depois passa a cultivar outra área e assim nos viviamos trabalhando há séculos. Com a chegada dos missionários em 1914 os Índios tomaram outro rumo porque eles vieram já cristianizar as populações indígenas. Quando os Carmelitas foram expulsos do Rio Negro o vaticano enviou então os Salesianos. Os salesianos é uma congregação religiosa que trabalha mais pela parte da juventude. Talvez ele pensava que os Índios fossem sempre crianças então "vamos enviar os

Salesianos para mudar a educação deste povo e começar desde criança, só que nos não somos crianças, somos adultos, conscientes, sabemos o que queremos, trabalhamos há muito tempo, vivemos há séculos, constituímos as nossas famílias, as nossas pequenas organizações comunitárias, etc. Quando os brancos chegaram, primeiro com a atuação dos Salesianos, eles vieram para amansar a população indígena do ARN colocando uma espécie de anestesia dos Índios. Isso durou muitos anos. Depois do concílio vaticano segundo, é a Igreja que se tornou mais povo no ARN. Mas, para reverter todo o passado de anestesia, de um certo ponto de vista, os Índios começaram a se questionar : "Mas porque a igreja esta se tornando mais povo?"; eles estão se tornando, inclusive, interessados às palavras de nossas próprias línguas, quando, no passado, os Índios foram proibidos de falar suas próprias línguas nas escolas. Em todo caso, eles cometeram este grave erro de anestesiarem o povo indígena. E agora, quando chegaram as Forças Armadas no ARN, os Índios aceitaram isso de braços abertos. Não questionaram o Exército, a Igreja sempre aplodiu as Forças Armadas. Quando as comitivas dos generais chegavam, era feito um banquete para os generais e não para os Índios. Os generais sempre foram bemvidos durante muito tempo. Mas agora as coisas são diferentes. Nós começamos a sentir que a presença do branco na área indígena estava se tornando nociva, ou seja, nós começamos a questionar quais são as consequências dos brancos nas áreas indígenas. Primeira coisa, eles mudaram nossa filosofia de vida. Apenas os velhos sábios, os pajés, eles mantiveram essa cultura de ensinar, de curar, etc. Mas os velhos foram diminuindo e agora nós estamos abrindo os olhos de que a nossa cultura esta terminando. Com a chegada do PCN o grau de prejuízo esta cada vez multiplicando. Então a gente sabe que o governo esta com um projeto que, na nossa opinião, é exatamente de exterminar as populações indígenas. Quando o Exército começou a atuar na faixa de fronteira, eles entraram na área sem pedir licença para ninguém. "Essa aqui é área de Segurança Nacional, é obrigação do governo construir um posto do Exército; aqui é companhia especial de fronteira, aqui é o primeiro batalhão de engenharia de construção, aqui nós vamos construir estradas, portanto essa área é área de segurança, vocês terão que se deslocar para outras áreas, vocês agora

que se virem". Os Índios disseram "é agora?". Qual sera a resposta dos Índios? Com as Forças Armadas, dificilmente um general vai querer dialogar com Índios. Aqui começa um grave desrespeito às populações indígenas. Quando o Exército começou a atuar na minha região em Cucui, nos morávamos em Marabitanas próxima à fronteira com a Venezuela, quando o Exército chegou lá, a primeira coisa que ele quis fazer foi exatamente forçar os jovens Índios a servir as Forças Armadas. Os Índios foram obrigados a vestir o uniforme verde oliva para defender a pátria. Nos temos que defender a nossa pátria, porque os venezuelanos invadem a nossa area, os colombianos estão próximos, então vamos botar os Índios para servir. Mas muitos Índios reagiram, fugiram. Certos seguiram para Venezuela, outros foram descer o Rio Negro, outros estão em Manaus, estão aumentando o cinturão de miseria ao redor de Manaus. No bairro de Compensa em Manaus, as massas da avenida Brasil, quantos Barés estão lá sem emprego, sem escola, sem nenhum tipo de assistência! ou seja, eles estão morrendo de fome na periferia de Manaus. Isso já foi o primeiro ponto altamente negativo da atuação das Forças Armadas lá na minha área, da faixa de fronteira. Segundo ponto : quando o Exército chegou lá prometeu escolas, prometeu postos de saúde, prometeu milhares de maravilhas como a agricultura e tanto outras coisas. Só que até agora só se viu que as Forças Armadas estão beneficiando simplesmente aos soldados, cabos, sargentos, capitães que moram lá e não às populações indígenas. Os Índios tiveram que fugir da área para poder se manter. Foi uma invasão das Forças Armadas na nossas áreas. Com este problema todo da entrada, agora, das empresas mineradoras no ARN, os Índios continuam perdendo suas terras. As empresas mineradoras, Paranapanema, Gold Amazon, Mineração Taboca, já estão em plena atuação no Alto Rio Negro. Se bem que dizem que estão na fase de pesquisa, só que esta pesquisa é plena exploração de minerais do ARN. A FUNAI que se diz o órgão tutor para defender o povo indígena, para trabalhar com o Índio esta fazendo exatamente o contrário! Esta favorecendo as empresas mineradoras, esta trabalhando junto com o PCN, com os oficiais, com o Exército e com as outras Forças mas não para beneficiar os povos indígenas. Mas simples-

mente para favorecer os que fazem parte do poder, da classe dominante enquanto que os Índios estão permanecendo cada vez mais em baixo, ou seja, eles não estão sendo respeitados, as suas mulheres estão sendo violentadas tanto pelos garimpeiros como pelos soldados do Exército e da Polícia militar que estão na área. Outros militares estão levando as Índias para serem suas empregadas fora da região, por exemplo para Manaus. Quando um oficial está transferido para outra área ele já leve uma índia para ser sua empregada onde ele estiver. E aí como fica essa situação? Nós estamos agora preocupados com as consequências graves, por isso que no dia 30 de abril desse ano conseguimos reunir quatrocentos líderes em São Gabriel. Só que alguns líderes indígenas que foram cooptados pela FUNAI, eles mantiveram acordo com o Conselho de Segurança Nacional (CSN) para promover este encontro. A intenção do CNS era exatamente impor a ideologia militarista para os Índios durante este congresso. Só que a reação do povo foi o contrário. Vamos criar uma Federação. Vamos organizar nossas comunidades para que a gente possa defender nossos direitos, principalmente no tocante à demarcação das terras. Já que as Forças Armadas estão invadindo nossa terra, que as empresas mineradoras estão ali atuando, que os missionários protestantes que vieram dos Estados Unidos com a intenção de "evangelizar" os povos indígenas, eles estão também pegando seu pedaço de terra quando o Índio está sendo pressionado de várias lugares. Então, no 30 de abril foi criada essa Federação. A Federação das Organizações indígenas do Rio Negro representa 19 nações diferentes como : Arapaso, Baniwa, Baré, Kuripako, Desano, Maku, Miriti-Tapuia, Pira-Tapuia, Siusi-Tapuia, Tariano, Tukano, Barasano, Yanomami, Kamã, Werekuenas e tanto outros. Moramos na bacia do Rio Negro constituída pelo Rio Uaupés, Tiquié, Cubate, Xié, Curicuriari, Cauaboris e tantos outros, sem falar dos Igarapés. Nessa área não tem nenhum espaço vazio como diz o projeto Calha Norte. Ali vivem aproximadamente 30 a 35.000 Índios, nessa faixa de fronteira. 35.000 Índios vivem lá. A FUNAI está recebendo verbas do PCN para atuar nessa área de fronteira tanto na área de saúde, transporte, e outras coisas; só que na nossa região, a FUNAI só teve uma única atuação : de cooptar os Índios, fazer a cabeça dos Índios ou seja, fazer uma espécie de lavagem cerebral dos

Indios para que esses Indios fossem para suas áreas e doutrinar os outros Indios. Essa foi a atuação da FUNAI nesses últimos tempos. E nada foi feito no sentido de trabalhar para o Indio. Mas ela já esta prejudicando os povos indígenas. A colônia indígena, ela já esta sendo feita na região do Rio Tiquié onde lá moram os Tukano, os nossos parentes Tukano. Dividiram o Rio Tiquié em três áreas : colônia indígena 1, colônia indígena 2, colônia indígena 3. Só que a área de Pari-Cachoeira é mais de 1.152.000 ha de terras. Mas eles reduziram a área em pequenas colônias indígenas, ou seja, eles estão forçando que os Indios sejam colocados nestas três colônias. Mas para o restante da área eles estão entregando um pedaço de terra para a empresa Paranapanema. Em outras lugares eles vão trazer os brancos para colonizar essas áreas. Mas a gente sabe que a intenção dos brancos é sempre se estender naquela área, eles vão lutar para aumentar sempre essa área. Os Indios estão sofrendo pressão de vários ângulos, de vários tempos, etc, e provavelmente haverá conflitos porque nosso trabalho da Federação é conscientizar os Indios de que nos estamos sempre escravos. Nos estamos sempre perseguidos, as nossas terras estão sempre ameaçadas. O que vamos fazer organizar as nossas comunidades. Como ?; conversando, fazendo reuniões, debates, etc. Depois vamos tentar lutar pela nossa libertação porque o PCN, segundo o que a FUNAI diz para nos, é que não adianta mais lutar contra as Forças Armadas, que as Forças Armadas representam a quarta potência do mundo. Os Indios, para o CSN, não significam absolutamente nada. Portanto, nos não podemos mais lutar contra o PCN. Depois?; Se as empresas mineradoras fazem parte do poder econômico, como é que os Indios vão lutar contra o poder econômico, por exemplo contra as empresas mineradoras no ARN. Terceira coisa : se os missionários protestantes estão sendo financiados pelo governo norte-americano para áreas indígenas, então como é um país muito grande, um país riquíssimo, então não vamos poder lutar contra os Estados Unidos. A única solução nossa, segundo a FUNAI, é exatamente aceitar tanto o PCN quanto as empresas mineradoras, as missões norte-americanas e a criação de colônias indígenas. Porque a colônia indígena vai trazer a Cobal, vai trazer transporte, vai trazer saúde, vai trazer tratores, vai trazer uma porção de coisas. Ou seja, nos estamos mais do

que nunca, pressionados por um grupo de poderes. O que vamos fazer agora? Vamos cruzar os braços? Vamos acreditar na FUNAI que nos teremos que aceitar todas essas propostas? Não! agora nossa resposta é não, segundo a nossa reunião que tivemos dia 30 de setembro. A FUNAI também promoveu esse encontro para discutir sobre a questão das colônias indígenas e terminar com a nossa organização indígena. Estiveram lá presentes os grandes chefões da FUNAI, uma delegação daqui de Brasília, um grupo representando as empresas mineradoras e um grupo representando o PCN. Mas a reação dos Índios não foi mais de aplodir os brancos que chegavam, mesmo quando os brancos estavam trazendo presentes, os Índios já receberam de outra forma. Agora fiquem lá e vamos discutir como que esta nossa situação. Nessa reunião nós, Índios, protestamos contra a atuação do PCN, protestamos contra as grandes empresas mineradoras que estão lá presentes, nós protestamos contra a FUNAI e contra as representações de lideranças religiosas norte-americanas que estavam lá presentes. Como nós já ficávamos com raiva, eles tiveram que terminar com a reunião senão ia sair muitos paus, muitos porradas, iam virar a casa. Disseram que cada um volte para sua área. Gente! o clima agora no ARN é isso. É um clima de guerra! um clima de ameaça! nós estamos sofrendo agora problemas gravíssimos na área do Alto Rio Negro. Existem Índios explorados tanto na parte do garimpo, os Índios estão trabalhando na construção dos quartéis, estão sendo forçados a trabalhar com salários miseráveis. Isso na área de Iauarete, na área de Pari-Cachoeira, na área de Cucui, etc, eles não estão recebendo nenhum tipo de assistência como está sendo escrito no PCN. Vão ser implantados outros tipos de projetos para as áreas indígenas. Ou seja, o destino dos Índios agora está com interrogação muito grande. Como a gente veio para cá para conversar, debater, acho que é importante nos sairmos daqui com uma posição. Vocês fazem parte da Universidade de Brasília ou de outros setores. Nós não vamos mais poder sair daqui com "ah! tudo bem, estamos?". mas não é isso a questão agora. A questão agora é de luta. Vamos deixar de cruzar os braços e vamos começar a trabalhar em conjunto. Afinal de conta, a cultura indígena é uma cultura riquíssima que dura há séculos. Nós temos as nossas tradições, os nossos mitos, as nossas

lendas, a nossa história. Devemos assumir o compromisso de resgatar essa cultura que esta sendo ameaçada, que esta sendo atingida por este poder tão grande que se chama de projeto Calha Norte. Nos temos muitos fatos ainda para contar. Outra consequência que podemos citar é a relação com o meio ambiente. Nós, Índios, sempre preservamos a ecologia durante séculos, sempre vivemos em harmonia com este mundo que esta ahi : a fauna, a flora, os animais, a floresta. Sempre preservamos a floresta, estamos ligados a essa natureza bellissima que esta ahi. Nunca sequer violamos essa natureza. Agora com o PCN vão ser construidas hidroelétricas nessa região de 150 kms de largura e 6500 kms de comprimento. Portanto vai afeitar não somente aos Índios. Mas afeitar aos ribeirinhos, toda a Amazônia, os Brasileiros. Afinal de conta, acho que essa região do Alto Rio Negro ela poderá se tornar um grande oceano com a construção de hidroelétricas para produzir energia para o sul do pais, ou para o restante das áreas. Nos vamos trocar a energia pela cultura indígena, sera que os Brancos vão trocar a energia pela flora, pela floresta, etc. O nosso destino, parece que esta no fim. Nos não vamos cruzar os braços. Pelo contrário. Vamos somar as forças, vamos começar a trabalhar a partir de agora juntos porque, caso contrário, o nosso destino esta ameaçado como já esta acontecendo".

Alcida Ramos

(...)"Nos convidamos, atraves do Ministério da Cultura, três Índios Yanomami para participar deste debate. E todos os três, mais o chefe de posto trabalhando muito proximo deles, foram vetados de vir aqui pela FUNAI que não deixou que eles viessem aqui. O que disseram como justificativa é que os Índios estariam muito ocupados com uma reunião em Manaus. E, realmente, eles estiveram em Manaus até hoje. Eles estão voltando hoje para Boa Vista. Um deles conversou comigo pelo fone ontem, ele estava muito com vontade de vir mas o Superintendente de Manaus, o famoso, o notório, Sebastião Amâncio, não deu a autorização para eles vir aqui porque diz ele, ele vai levar com ele os Yanomami mais o chefe do posto, todos vão voltar para Boa Vista para ir numa grande expedição para expulsar os garimpeiros que estão invadindo de novo a área Yanomami"

Marcos Lazzarin

"Lamentavelmente não tem presença de Índios Yanomami aqui; parece que a idéia de colônia indígena vai se fazer de uma ou outra maneira na área do Calha Norte, já que o PCN esta em plena execução. Gostaria fazer aqui algumas observações a respeito da situação vivida pelos Índios Yanomami a partir de uma noção básica transmitida através da própria fala dos Índios. A noção que esta ocorrendo uma grande invasão do território yanomami, principalmente sob duas formas. O território yanomami se localiza em grande parte no território Federal do Roraima e uma parte dele esta no Estado do Amazonas mas os Yanomami se espalham, também, por parte da Venezuela totalizando no Brasil e na Venezuela cerca de 20.000 pessoas que convivem dos dois lados do território brasileiro e do território venezuelano. A situação vivida pelos Yanomami é uma situação de invasão. Numa conversa que tive no início deste ano com um dos líderes indígenas Yanomami, João Davi Yanomami, ele me disse : "quem ter direito nessa terra? só nos aqui. O Branco não tem direito. Se nos, os Índios, mexem na terra na casa do Branco, ele não vai deixar. Então é assim : nos não queremos deixar o Branco na nossa terra". O que poderia mais caracterizar essa invasão da terra dos Yanomami pelos Brancos?. Ao longo da história do contato dos Yanomami um elemento principal tem permeado o contato entre os Brancos e os Yanomami : é a questão dos minérios nessas terras. Se durante algum tempo parte da floresta não foi muito requisitada por projetos agrícolas e acalmou-se um pouco a procura pelas terras indígenas yanomami, nos últimos vinte anos, a perspectiva de exploração mineral neste território, sem haver muita comprovação, sem haver muito pesquisa a este respeito, tem estimulado varias levas de invasores no território yanomami. Nos últimos vinte anos, em variados pontos do território Yanomami, tem havido frequentes e consecutivas invasões de garimpeiros. Algumas áreas com mais frequência, com mais intensidade, por exemplo na região do rio Araricaá, do rio Ericó, onde se localiza o posto indígena Ericó onde vivem os Índios Xiriana; e outras áreas com muito menor intensidade, onde certos sub-grupos yanomami ainda tem muito pouco contato com a sociedade nacional,

alguns não tem nenhum contato, só contato indireto. Esses que tem contato indireto começaram nestes últimos anos a receber ameaças dos garimpeiros também. Se, de um lado, nos temos ao longo destes últimos vinte anos, com várias intensidades, de variadas formas, a penetração de garimpeiros, que a gente pode considerar como uma frente espontânea de ocupação do território yanomami, de outro lado, nos temos também um outro tipo de frente de invasão que está se concretizando agora através do PCN, que é essa frente oficial, essa frente planejada, essa frente supostamente controlada que viria ocupar o território yanomami. De um lado então, temos uma frente espontânea, principalmente através de garimpeiros, e em outras regiões, de colocação de colônias, etc, e, de outra lado, uma frente planejada que se concretiza através do PCN. Na área de Ericó, há cerca de vinte anos que os garimpeiros tem entrado, saído, tem sido evacuados, permanecem, se fixem em alguns pontos... Essa invasão garimpeira tem provocado maléfícios terríveis para os Yanomami e para os Xiriano. Os trabalhos das equipes médicas da CCPY, nesses últimos anos, tem mostrado uma degradação sanitária estabelecida na área do Ericó. Nos sabemos que, só no ano passado, para um conjunto de comunidades que não chega a atingir 200 pessoas, 7 crianças abaixo de 5 anos de idade morreram de malária, fundamentalmente em função deste contato com levas de garimpeiros que penetram, se fixam no território yanomami. Vocês imaginam o que isto significa em termos de crise demográfica, de crise existencial, para essa população indígena, de ter no período de um ano, 7 crianças abaixo de 5 anos de idade morrer vítima de malária. Tem outros problemas como a penetração de tuberculosa que tem causado frequentes mortes, etc. De uma certa maneira, se a gente considera o prazo longo de contato com os garimpeiros, isso de uma certa maneira foi até amenizado por um processo de adaptação biótica dos Yanomami, pelo processo de defesa que eles tem exercido apesar da FUNAI; eles mesmos tem lutado para tentar manter os garimpeiros fora de certas áreas que, caso fossem ocupadas, levariam definitivamente ao etnocídio dessa população. Apesar destes traumatismos, eles tem conseguido sobreviver, mesmo assim com muitos conflitos, uma situação de saúde extremamente abalada, muito

precária. Se nos pegamos o período de um ano para cá quando começa a se implantar o PCN que objetiva :

- o reforço da presença militar num território que cobre 14% do território nacional, 24% da Amazônia (do Amapá até o Amazonas, com varias fronteiras internacionais). Marcio Santilli tem feito um trabalho interessante sobre o caráter dessa ocupação militar em relação ao resto da America Latina. O que que isso significa em termos de militarização da America Latina? Isso é muito significativo para o futuro da America Latina já que essa militarização deste trecho enorme de 14% do território nacional esta levando à reações semelhantes nos países vizinhos; parece que a Venezuela tem seu Calha sul. Isso é extremamente preocupante em termos de futuro da America latina, do que é gente poderia chamar de democracia da America latina.

- a definição de uma politica indígenista apropriada, mas apropriada para que?.

- a instalação de infraestruturas, aeródromos, estradas, usinas hidroelétricas.

- os projetos econômicos que são, fundamentalmente, voltados para a exploração mineral.

A gente tem dois tempos de ocupação no PCN. O primeiro tempo que é o da ocupação imediata através, fundamentalmente, das Forças Armadas, para a construção dessa infraestrutura. Isto esta ocorrendo agora, começou desde os meados do ano passado : construção de aeródromos, prospeções para construção de hidroelétricas (a hidroelétrica do Paredão), prospeção para construção de estradas, que vão viabilizar economicamente a região, que vão viabilizar o segundo tempo do PCN, que é exatamente um projeto econômico. Nesse primeiro tempo do PCN, nos temos observado e podemos testemunhar, que ele esta sendo feito através de licitações organizadas pelas Forças Armadas, Aeronautica e Exército e até com a participação de marinheiros. Podemos testemunhar, por exemplo, como se deu a construção do aeródromo neste ano na região de Couto Magalhães, uma região de ocupação tradicional yanomami, de muito pouco contato com a sociedade nacional. Lá existem frentes de penetração garimpeira, por-

tanto a possibilidade de choque é muito maior que nas áreas onde, inclusive, já tem contato prolongado, como na região do Ericó. No entanto, de repente o PCN posa sobre a área onde vivem centenas de Índios com suas malocas tradicionais, posa uma determinação : aqui vamos construir uma pista de pouso; essa maloca não deveria ser aqui; essa maloca está na faixa de segurança do aeroporto; eles derrubaram a maloca, uma maloca que leva muito tempo de trabalho para se construir e um esforço enorme de toda a comunidade; não é feito somente pelas mulheres, como o diz o líder dos garimpeiros, José Altino Machado. Ele anda dizendo, numa entrevista para o Jornal do Brasil na semana passada, no domingo, que o grande problema dos Yanomami e isso tem que ser transformado, é que os Yanomami vivem uma grande falta de mulheres porque as mulheres vão parir no meio do mato e 40% morrem. Por causa disso, está havendo uma guerra muito grande entre os Yanomami porque, graças a esta deficiência de mulheres, eles estão brigando entre si por causa das mulheres. As mulheres estão o maior capital dos Yanomami porque os homens yanomami não trabalham, eles não fazem nada. Quem trabalha são as mulheres. Por isso, estão numa guerra perpetua para conseguir mulheres e os garimpeiros proponham transformar essa situação trágica que está levando à extinção dos Yanomami. Loucuras na cabeça de alguém que não tem o mínimo temor de metralhar garimpeiros que estão contra sua política a partir de aviões, como já ocorreu na experiência deste homem. Podemos testemunhar, através de fotos, o imenso trabalho que exige a construção de uma maloca com a participação de toda a comunidade. Voltando ao exemplo, o que aconteceu? A maloca, por ser numa área de segurança nacional, tem que ser destruída e os Índios, por onde vão? uma população que, inclusive, já tinha aumentado graças ao movimento enorme de trabalhadores e de aviões chegando de repente numa área onde não tinha quase nenhum contato com a sociedade nacional, de repente isso atraiu uma quantidade enorme de Yanomami para área com promessas de trocas, de mercadorias, etc. Essa maloca foi destruída e os Índios ficaram praticamente sem teto onde morar. Alguns ficaram amontoados em algumas barracas que a FUNAI tinha, outros se espalharam pela mata. Nesse processo em que trabalhadores da empresa que ganhou a licitação, a COMAR, chegaram, trabalhadores sem o

mínimo preparo para entrar em contato com as sociedades indígenas, sem as mínimas providências médico-sanitárias para saber se esses trabalhadores tinham algum tipo de doenças contagiosas que poderiam provocar epidemias. De fato ocorreram problemas graves de pneumonias, de doenças de pele, problemas graves de gripe que, para uma população que tem um contato recente, é mortal. Houve muitos casos de mortes a partir desse contato com os trabalhadores. Ainda mais que os Yanomami acabaram sendo obrigados, como o colocou o Índio Baré do ARN, foram obrigados a trabalhar por salários ínfimos, com salários que os próprios Brancos recusam; os Yanomami foram obrigados a trabalhar naquele esquema de perversidade da mercadoria onde recebiam mercadoria mas dependiam, para sua alimentação, basicamente daquilo que eles plantavam. Nesse contato com cerca de 20 a 40 trabalhadores envolvidos, malocas destruídas, distribuição de roupas usadas, caça predatória numa região onde é necessário o equilíbrio ecológico para a utilização da terra, os malefícios que isso trouxe, neste primeiro tempo do PCN, são inimagináveis. Ainda mais : a empresa construtora acaba, inclusive, sendo a dona da lei, acaba para assumir o papel do estado, é distribuidora da lei : a lei é aquela da empresa construtora. E a racionalidade econômica que define a legalidade. Isto aconteceu, por exemplo, com relação a questão do garimpo. Os Yanomami, do PI Paapiu, garimpam para suprimir algumas necessidades de mercadorias que eles já tem. Garimpam um pouco de ouro. Trabalhadores da COMAR liderados por um sargento, sabendo da ocorrência de ouro não muito grande mas suficiente para a exploração garimpeira indígena, utilizando-se de helicópteros da FAB desceram junto às comunidades yanomami, no começo do ano, alegando que encontraram um ponto para vôos, e contrataram alguns Índios para andar pelas matas ali na redondeza e alguns deles acabaram inclusive para dizer onde eles garimpavam. Quando chegaram lá, um dos líderes indígenas desconfiou de o que é que esse sargento e os seus trabalhadores tinham dentro grandes pacotes que traziam fechados, lacrados. Foi ver o que tinha dentro. Tinha equipamento para montar caixa de lavar cascalho, a famosa cobra fumante que garimpeiros estão usando para sua exploração rudimentar, baterias, picaretas, etc. até mercúrio, todo o equipamento completo utilizado

para garimpagem. Quando os Yanomami perceberam isso, eles foram ao chefe do posto. O chefe de posto, revoltado com a situação foi prender o sargento e os trabalha-dores, comunicaram para a FUNAI de Boa Vista. Em uma semana desceu um avião da COMAR, recolheu o sargento e seus trabalhadores e os levou para Boa Vista. Foram imediatamente liberados e apesar das pressões dos Indios, do chefe de posto, e das denúncias feitas em Boa Vista, nada foi feito contra essa sargento e esses trabalhadores. Isso demonstra, mais uma vez, que na região onde se instalam grandes projetos desta maneira, a empresa executóra é dona da lei. Não há possibilidade de inverter a situação. Você imagina a quantidade de fatos que ocorrem numa situação como essa em que eles ficam quase completamente isolados e com controle tecnológico, controle das trocas, etc. sobre populações que não sabem exatamente o que esta acontecendo. O PCN pretende construir oito pontos de ocupação militar na área Yanomami, quatro deles estão na área de fronteira. O projeto prevê cerca de 70 homens baseados junto as comunidades que, as vezes não tem 100 pessoas, e esses soldados também vão ali para morar com suas famílias. Além disso vai ser montada uma infraestrutura como COBAL, Caixa Econômica, lugares para lazer, etc; mas de 200 pessoas, de repente, ocupam uma área, o que vai provocar problemas terríveis, inclusive problemas de sedentarização. Isso leva a problemas sanitários indescritíveis com probabilidade de etnocídio. Isso já ocorreu nos anos 70, 73, 74 e 75 quando se construiu partes da Perimetral Norte em território yanomami. Comunidades inteiras se extinguíram e até recentemente se encontrava ainda indivíduos dessas comunidades caminhando pela estrada. A estrada foi simplesmente abandonada. As comunidades que viviam na região sofreram traumatismos sociais terríveis com extinção, inclusive, de algumas comunidades. Isso no primeiro tempo da implantação do projeto. O que se prevê no segundo tempo da implantação? aerodromos, estradas, hidroelétricas, projetos econômicos; viabilização econômica e especialmente, exploração mineral. Sabe-se que em certas áreas existe cassiterita mas inviável economicamente ainda hoje tanto pela dificuldade a retirar a cassiterita como pelo preço baixíssimo que a cassiterita tem no mercado internacional hoje. É uma burriça comercial exportar cassiterita, já que o preço é

baixíssimo, portanto o Brasil continua a exportar cassiterita inclusive para pais que tem reservas de cassiterita como os Estados Unidos. Compram a nossa cassiterita e guardam a cassiterita deles. O PCN prevê essa viabilização da exploração mineral e isso vai ameaçar a possibilidade de sobrevivência dessas populações indígenas porque os efeitos retardados dessa exploração mineral, de ocupação da terra, de ocupação do sub-solo, não serão tanto retardados assim, serão quase que imediatos. As perspectivas para as populações indígenas são extremamente preocupantes e não há forma de se levar qualquer consideração crítica aos coordenadores do PCN. O PCN, como todos grandes projetos, não admite crítica ainda mais porque o PCN foi criado, esta sendo implantado, coordenado pelo Conselho de Segurança, se utilizando inclusive da infraestrutura estatal através da própria FUNAI. Pelos dados que a gente tem, a maior parte dos recursos que a FUNAI, em Boa Vista, recebe hoje provém do Calha Norte. Isso implica uma dependência quase total da FUNAI com relação aos interesses do PCN. Esses recursos são para quê? Quase a totalidade desses recursos são para a implantação de uma infraestrutura da FUNAI, uma infraestrutura duvidosa. Não para delimitação, para demarcação definitiva desses territórios Yanomami e de todas as outras populações indígenas que estão atingidas pelo problema. Portanto a demarcação é fundamental para a sobrevivência dessas populações indígenas".

Pedro Garcia (Tariano/ARW)

"Eu sou Pedro Garcia, de Yauarete, na região que as pessoas conhecem como cabeça de Cachorro, frente com a Colômbia. O PCN foi criado aqui em Brasília; acho que nem os senhores que são professores na Universidade ou de outros setores em Brasília desconhecem desse projeto. Para a gente que mora em áreas distantes, sem nenhuma comunicação, sem manter contatos diretos com as pessoas aqui em Brasília, é pior. O que aconteceu com o PCN na nossa área? Antes de vir para cá, nos passamos três dias em Manaus reunidos. Nesse encontro, estiveram presentes varias lideranças indígenas da faixa de fronteira desde Amapá, Roraima, Amazonas, Rondônia e Acre. Tinha também líderes do Maranhão. Nos discutimos quais são os problemas principais na faixa de fronteira, inclusive foi colocado o PCN

e a atuação da FUNAI. O PCN, na nossa área, entrou numa forma muito autoritária. Autoritário porque ele chegou lá e obrigou a gente a fazer uma coisa que a gente nunca tinha pensado fazer. Chegou para lá com todos os seus planos, chegou lá numa vila de Índios, mandou transferir a vila para outro local onde nunca pensávamos morar. Isso aconteceu em Iauarete onde eu morou. Essa vila era composta de 30 famílias, essas 30 famílias foram removidas para outro lugar. No local agora vai ser uma vila militar, de oficiais, tenentes, sargentos, cabos, etc. e onde era campo de trabalho deles é um quartel e, bem no lado, o aeroporto. E onde ficava as roças de outros parentes eles estão fazendo outro aeroporto maior. Como diz um companheiro meu com que eu estava conversando há alguns dias atrás, o hercules vai posar pela primeira vez lá, levando tratores, material, etc, para ampliar o trabalho lá. Chegaram com varias promessas dizendo que vão guardar a fronteira. Então nosso questionamento fica. "Porque eles não chegaram antes, logo no inicio? Porque não chegaram antes para guardar as fronteiras? Porque eles descobriram agora o interesse de guardar as fronteiras?" Nossos antepassados já viveram séculos sem problema. Problemas de invasões, eles já resolveram muitos. Segundo a história que eles contam, o Brasil terminava em São Gabriel da Cachoeira e por força dos parentes, reuniram todos os parentes do ARN, juntaram as forças e tomaram aquele pedaço. Esse pedaço de São Gabriel até Iauarete já era da Colombia. Pela força deles, segundo a história deles, expulsaram os colombianos, os espanholes que estavam lá. Isso da para ver que eles, nossos parentes, nossos antepassados, nossos avos, guardaram a fronteira mais que os militares. Esses militares dizem que vão proteger contra as invasões, mas a gente não vê nada de concreto. Se é para impedir a invasão de estrangeiros, os colombianos não teriam o libre acesso. O que esta acontecendo em Iauarete? Os colombianos pegaram o avião do PCN e vieram para São Gabriel da Cachoeira e de lá para Manaus. E isso guarnecer a fronteira? Mais uma coisa. E a invasão de empresas mineradoras?. Se eles estão lá para guarnecer, para proteger contra as invasões, qualquer tipo de invasões, não deveria acontecer invasões de mineradoras. As mineradoras entram lá como se a gente esti-

vesse entrado na sua própria casa, sem respeitar os direitos nossos; eles desconhecem que nos somos humanos como eles, que nos temos nossos direitos, apesar de nos sermos diferentes, de ter costumes diferentes das do branco, nos também temos nossos costumes, nos temos nossos direitos. E o que define o principio dos direitos humanos : todo homem ou todo ser humano é dotado de liberdade. Então nos que sabemos um pouco, nos estudamos mais que nossos parentes, nos estamos vendo que eles estão desrespeitando todas essas leis. O que a gente questiona? Os brancos são os primeiros para elaborar as leis e são os primeiros para desobedecer a essas leis. Ultimamente nos temos visto, a respeito desse negócio de entrada, como falei é um projeto muito autoritário. Eles prometiram que vão nos levar varias progressos, hospitais, escolas, etc. mas até agora o único progresso que eles levaram até agora são as epidemias, malária, gripe, sarampo, tuberculose. Isto é o progresso? o progresso que eles dizem é exterminar a gente, acabar com a gente. Primeiro, eles levam doenças sem levar medicamentos e sem dar condições para a gente se deslocar da área para fazer um tratamento. Quando eles querem se deslocar de uma área para outra para fazer o trabalho deles, dos seus interesses, eles tem todo transporte, todas as condições mas quando um parente cai doente, não tem transporte para leva-lo para um centro para fazer tratamento. Eles dizem que não tem condições, não tem dinheiro, não tem transportes. A própria FUNAI tem investido dinheiro do PCN que era destinado a um apoio às populações indígenas no tocante à saúde, educação, transporte, etc. Essa verba, a FUNAI utilizou segundo os seus interesses e a menor parte serviu para comprar um motor e uma voadeira so para dizer que isso foi comprado dentro do PCN. Em vez de comprar medicamentos para abastecer os postos; os postos tem, e até de mais mas é que a FUNAI não da condições. .. Nos viemos aqui em Brasília para fazer nossas reivindicações, entrar em contato com o Presidente da FUNAI. Quando a gente chega no predio da FUNAI, os empregados dele dizem que ele esta viajando. Porque isso? Para mim, ele tem medo; claro que ele pode ter medo porque ele não esta fazendo nada. Quando nos fomos saber, ele estava aqui. Quando fomos falar com ele, ele esta viajando de novo. Nos investigamos até que alguém teve coragem de dizer que ele

tinha saído do prédio da FUNAI para o Ministério do Interior. É uma viagem muito comprida e não podia ser adiada por um dia! Isso são as desculpas do pessoal da FUNAI. Nos viemos aqui para falar diretamente com ele. Para apresentar os problemas que a Superintendência está fazendo. Nos ficamos pensando em voltar, não sei quando. Tanto o PCN, as empresas mineradoras como a Constituinte estão nos preocupando agora. Na quinta-feira passada, nos estivemos no Congresso nacional e nos encontramos com um deputado, um senador. Ele disse : "meus amigos indígenas, vocês foram discriminados desde a chegada do Pedro Cabral em 1500. Desde esta data vocês estão sendo massacrados". Eu disse para ele "eu gostei de uma palavra sua mas só, que você não completou a palavra. Tu falaste que desde a chegada do Cabral em 1500, nos fomos discriminados; as populações indígenas foram discriminadas e hoje em dia surgiu outro Cabral e com o seu substitutivo quer acabar com o resto". Por onde a gente vai, por onde a gente mete o pé, a gente encontra seus inimigos e seus amigos. ...O Presidente Sarney assinou dois decretos que para ele são bons, mas para nós, são nada bons. O PCN vai criar várias colônias indígenas e na constituição está escrito que Índio aculturado tem direito à colônia indígena" e que só o Índio não aculturado tem o direito de permanecer em área indígena. Voltamos a FUNAI. Como o Presidente da FUNAI estava ausente, nos falamos com Daniel. Ele diz : "vocês tem condição de ter uma colônia indígena, cada área de vocês vai se transformar em colônia indígena". Eu perguntei "qual a diferença entre colônia indígena e reserva indígena?" Ele respondeu que não tinha diferenças. Então eu perguntei "se eles não tem diferença, porque você não demarca as áreas como reservas indígenas?" Porque o mais que a gente entende, nos sabemos as consequências que viram quando as áreas serão demarcadas como colônias indígenas. Ele diz que nos vamos ter todos os privilégios; também vão fazer muita discriminação! Porque os parentes que moram dentro de uma colônia indígena não puderam sair da sua colônia para visitar os parentes que moram numa outra colônia. Nessas colônias vão estar muitos colonos como eles dizem, fazendeiros, funcionários das empresas madeireiras, etc. E, não só isso. Vai ter hidroelétricas como esta planejado em Iauarete. Eu soube desde o ano passado que ia ter uma

barragem em Iauarete. Não sei quantos metros quadrados vão ser alagados. Quando foi feita a segunda assembléia foi decidido que ninguém poderá arrumar soluções sozinho. Antes de tomar qualquer decisão será feita uma assembléia para perguntar se a população estava de acordo ou não. Mas como nem todos são iguais e que o poder econômico está muito mais forte, um dia qualquer um pode sair do lugar para fazer besteiras e o que aconteceu com nossos parentes. Logo depois da eleição, a FUNAI pegou o Presidente da Federação como seu funcionário para apoiar seus interesses. Foi quando eles vieram para Brasília para apoiar aquela portaria da FUNAI e do DNPM que autoriza a entrada das empresas mineradoras em áreas indígenas. Eles estragaram todo nosso trabalho. Ele, como Presidente da Federação, tinha todo poder para decidir em nome do povo indígena do ARN. Quando voltaram aqui eles foram impedidos de toda a reunião. E o que está acontecendo agora de novo. Quando nos estamos defendendo os interesses do povo, tem outra turma ali defendendo os interesses do poder econômico. Os outros são muito mais conhecidos que a gente, nos estamos iniciando nosso trabalho agora. Os outros são conhecidos, inclusive eles nós disseram "você não tem nenhuma condição, as autoridades não vão depositar confiança em você; você é novo, eles não sabem quem são você. Nós somos muito conhecidos, podemos entrar em qualquer gabinete do governo mas você não vai ter condições, toda vez você vai ser impedido". Essas pessoas, que vivem dizendo isso, são todas da FUNAI. Quando nos chegamos aqui, o famoso Amâncio se encontrava aqui em Brasília. Ele nos diz que a gente tinha saído do Amazonas sem licença dele. Como alguém que não tem nada a ver com a gente pode nos impedir? A FUNAI é o maior inimigo das populações indígenas do Amazonas. Fizemos críticas para ele em várias ocasiões. Nossos problemas não são problemas somente de nós. Por exemplo, se nós temos problemas de mineradoras no ARN, os parentes do Solimões tem problemas com madeiras, os de Roraima tem problemas com fazendeiros e, ainda mais, com empresas mineradoras. Nossos problemas são iguais. O que o PCN faz na nossa área, ele faz o mesmo no Roraima. O que a FUNAI faz no norte, ela faz no sul. Tem pessoas que estão com vontade de nos ajudar, mas não podem porque se eles defendem diretamente os interesses das populações indígenas, no dia

seguinte elas estão na rua. Elas tem medo de perder o emprego, o meio de viver. Claro que na cidade ninguém vive sem emprego. Mas para nós é diferente. Nós podemos criticar porque nós não estamos perdendo nada. Nós podemos perder muito mais que um emprego, nós (Eu e Orlando) já fomos muito perseguidos por causa disso. (...) Já fomos muito discriminados mas não somos mais os Índios que viviam há vinte ou 30 atrás. Eu estava ultimamente fazendo debates na Universidade de Manaus e varios universitários, na minha frente, disseram que "discutir a questão indígena é perder tempo". Perguntei para eles "quando eles iam entender melhor?". Voltando ao PCN. O que eles fizeram em Iauarete, fizeram a mesma coisa num outro posto, o de Querari. Em Querari tinham uma aldeia forte e ultimamente moram ali 5 famílias. Onde foram as outras? Os outros se espalharam. Uns foram para Colômbia, outros não sei para onde, ficaram só 5 famílias. O resto são todos militares. Disseram que "Índio não tem valor e tem que morrer como cachorro". Em São Joaquim, na cabeça do rio Içana, na fronteira do Brasil com Venezuela; são três fronteiras Colombia, Brasil e Venezuela. Teve invasão das mineradoras, de garimpeiros. Os problemas não são iguais. Os garimpeiros defendem sua própria vida, de como entrar e trabalhar. As mineradoras tem muito armas, metralhadores, revolveres, etc; num determinado lugar elas deixam guarnição de 5 a 7 pessoas, 10 no maximo. Os parentes que moram em baixo costumavam fazer sua pescaria, sua caça ao longo do rio, mas não podem mais passar naquele lugar. Se ele tentar passar eles forçam ele a voltar. Os parentes nunca tinham visto homens armados, eles intimidam nossos parentes a não ultrapassar. Eles não tem condições de fazer mais caçaria prolongada ou pesca para sua sobrevivência. Nós, antes desses problemas, viviamos sem fronteira. Como falou o Orlando, nossos parentes se espalharam muito, uns estão na Colômbia, uns estão no Brasil. Embora eramos sem fronteira a gente sabia onde pisava, se era terra do Brasil ou da Colombia. Com a chegada desses garimpeiros, com o PCN, estão fazendo muitas divisões entre nós. Os nossos parentes ficam muito revoltados, abandonam o local onde viviam, uns vão para Colombia, outros vão pelo norte, outros vão para Manaus aumentando, como colocou Orlando, a

miséria em Manaus. O PCN desrespeita nossas organizações. Ele não quer saber e não quer que a gente se organiza, tem uma organização bem formada, registrada. Quando teremos uma organização forte, nos partiremos em cima deles. Isso é o medo deles. No dia 27 de setembro nos estivemos fazendo uma reunião preparatória a aquela assembléia que a FUNAI tinha programada. Nessa reunião tivemos a oportunidade de discutir o estatuto da nossa organização, da Federação das Organizações indígenas do Rio Negro. Estava presente o comandante da 5ra. SEF? (...) Ele foi contra o estatuto que nos queríamos fazer por causa de uma palavra dizendo que "nosso estatuto não pode constar a palavra 'autodeterminação'" porque no entender dele, essa palavra significava que a gente queria formar outra nação, outro país, independente do Brasil. Por essa palavra, nos queríamos dizer que queríamos escolher nosso destino, não que os outros escolham nosso destino, mas nos mesmos queremos definir nosso destino. Foi uma briga de conversa até que um parente se levantou e ele diz, e foi contra ele. Mas também ele não podia fazer nada porque ele estava sozinho. Quando foi a grande reunião a FUNAI começou a colocar uma guarnição, era militares, do primeiro batalhão, etc.; estava cheio. Mas eles não conseguiram intimidar o pessoal porque, antes disso, tínhamos feito viagens de conscientização ao longo dos rios. São todos os problemas do PCN. A FUNAI ficou cooptando as lideranças mais fortes para apoiar esse PCN, para convencer o povo de aceitar os projetos do governo, fazer propaganda para ele. Nos estamos vivendo problemas muito graves, muito serios. Como dizia uma colega que foi numa outra reunião, nos somos totalmente incapazes e que vamos ser sempre sujeitos a um órgão tutor. Foi quando um colega falou a um auditório de senadores, dando exemplos práticos : se um constituinte desce para minha área, eu diz para ele "aqui tem um pé de açaizeiro, sobe neste pé e traz os cachos de frutas". Ele não consegue! Então eu pegou o livro e eu escreve "o constituinte é totalmente incapaz" E assim que eles querem fazer com a gente. Eles dizem que nos somos incapazes".

Alcida Ramos

"Antes de abrir o debate, eu queria colocar alguns pontos. A questão da paranoia. Há uma linguagem que o PCN decidiu adotar para justificar um monte de coisas. Tem relação a esse medo, que fica explícito no escrito do projeto, de que as nações indígenas se transformem em estado e que ameçam a soberania nacional. Isto está escrito com relação a criação de um estado yanomami. Os Yanomami são, aliás, os únicos que são mencionados explicitamente no projeto; eu não sei porque. Mas ele diz o seguinte "a área caracterizada pela presença de Índios Yanomami, com uma pequena população estimada a 7500 Índios [são muito mais que isso!] que vivem em dezenas malocas esparsas, adjacente a um longo trecho de 900 kms de fronteira com a Venezuela, País onde também residem numerosos contingentes indígenas da mesma etnia. Há bastante tempo, observam-se pressões, tanto de nacionais quanto de estrangeiros, visando constituir às custas do atual território brasileiro e venezuelano - um estado Yanomami". Isso, para mim, é a coisa mais simbólica do que está por trás do PCN, não é por acaso que incluem uma área onde a grande maioria da população é indígena. Eles tem medo de perder o controle daquela área, já que as populações indígenas que estão lá não são regidas - pode ser regidas de juro mas não de fato - pelas leis brasileiras. Com relação a esse medo eles tentam dividir para reinar. Eles pegam umas lideranças e cooptam essas lideranças. Eles estão fazendo isso sistematicamente em todas as áreas. Ontem João Davi Yanomami me telefonou, frustradíssimo porque eles não deixaram vir para Brasília. Ele disse que ficaram reunidos 3-4 dias em Manaus com pessoal do CNS e da FUNAI para decidir o que fazer do território yanomami. O PCN vai fazer um sobrevôo da área, para conhecer todas as malocas e decidir o que fazer com aquilo. Eles pegam umas pessoas que tem mais trânsito na sociedade branca. Tem uns Yanomami que já tem vindo em Brasília, São Paulo, etc. Como vocês contaram para o ARN, eles cooptam essas pessoas, envolvam essas pessoas em esquemas que parecem estreitamente atrativos para a comunidade e aí aparece a divisão. Eu ouvi algumas dessas lideranças que foram mais "trabalhadas" pelo PCN dizer que, finalmente, o povo indígena do ARN não tem muito escolha. Vocês estão entre dois males : os garimpeiros que estão caóticos e

trazem uma bagunça geral e o Calha Norte que é organizadinho e que, inclusive, pode trazer alguns benefícios. Gostaria que vocês, do ARN, falassem um pouco sobre isso. Quais são os perigos e as desvantagens que vem tanto dos garimpeiros quanto do Calha Norte com as coisas que estão investidas no PCN, inclusive nas mineradoras, de modo a absorver essas dúvidas que são trazidas por essas pessoas que acham que há males maiores e menores : o PCN é melhor que os garimpeiros ou as mineradoras porque é mais organizado"

Orlando Baré

"Eu quero repudiar essa propaganda que esta vista na televisão. O PCN e o CNS cooptaram o Indio chamado Carlos Antônio Fernandes Machado, que é Indio Tukano. E ele que fale na televisão dizendo que o PCN vai trazer progresso para o povo indígena. Só que na realidade, esse Indio Tukano, ele não vive na área dele há muitos anos. Ele foi meu colega de sala em 80 so que foi em São Gabriel e ele mora lá, em Pari-Cachoeira. Antes disso ele rodeava em Brasília, ele se meteu na FUNAI, com o pessoal do commando militar da Amazônia, etc.; então a cabeça dele não é de indio, a cabeça dele é de branco. Portanto, ele faz essa propaganda. Não sei o que aconteceu com a cabeça do Carlos em Brasília porque ele esta cometendo uma barbaridade contra as populações indígenas do ARN. O PCN não é isso. Dizem que o PCN vai trazer benefícios so, que nesse primeiro passo do PCN, nos não estamos vendo nenhum beneficio. Pelo contrário. Esta acontecendo mortes, tanto pelo contato indiscriminado com os Indios que moram em áreas distantes como por matança mesmo, alem de serem explorados por eles. E uma mão-de-obra barata, então eles enganam os Indios; as mineradoras, inclusive, estão trocando as terras dos Indios com barras de sabão, sal, kerosene e alguns barracos. So que os Indios não sabem que embaixo dos pés deles existem minerios, existe ouro, ferro, prata, cassiterita, existem outras coisas. Portanto, no ARN, não vimos algo positivo da atuação do PCN; nos estamos vendo essas invasões, os Indios que estão expulsados das suas terras para dar lugar a um quartel ou um aerodromo. Em relação as empresas mineradoras, aconteceu no dia 15 de novembro uma reunião em Tunui cachoeira, na fronteira com a Colombia.

Essa reunião foi patrocinada pela Gold Amazon. O ex-governador do Amazonas, Gilgerto Mestrinho, é um dos sócios dessa empresa mineradora. Fecharam a nossa comunicação entre nos e os Indios de Tunui e até agora nos não sabemos o que aconteceu. Nos somos preocupadíssimos com isso. Alguma coisa deve ser feito. Nos discutimos com alguns Indios de lá nesse ultimo encontro que nos fizemos em São Gabriel. No dia que nos faziamos a reunião em São Gabriel, a Prefeitura municipal levou 70 Indios para o quartel e a FUNAI levou 70 para tomar cerveja em Camanaus, pouco distante de São Gabriel. Nos ficamos mais ou menos 80 Indios para participar desse encontro. E so para vocês ver o que esta feito para que os Indios não questionam o PCN. Eles estão fazendo o maximo para desorganizar as organizações indígenas. Não tem nenhuma coisa positiva tanto do projeto Calha Norte como das empresas mineradoras. Tem gente que ficou beneficiada. Quem é? meia duzia de pessoas so! os Indios cooptados! São eles que estão jogados para as áreas"

Questão : " Qual é a ligação das mineradoras com o PCN?"

Resposta (Orlando) "Existe uma ligação muito forte. A Paranapanema empresta aviões para a FUNAI para sobrevoar a área indígena. Ou então, as empresas levam a policia militar para área de mineração e botar os Indios para a rua. O PCN esta ligadissimo com as empresas mineradoras porque no fundo existe um jogo de interesses muito forte por causa dos minerais que estão no subsolo das áreas indígenas."

Questão : "E o CN com os garimpeiros? O CN expulsa os garimpeiros?"

Resposta (Orlando) : "Os garimpeiros foram expulsos de Pari-Cachoeira e estão sendo expulsos da área do Rio Içana. Os garimpeiros não são aceitos em certas áreas, o CN pretende dar todas essas áreas para as empresas mineradoras nacionais e multinacionais. Os garimpeiros estão botados na rua mais é isso em algumas áreas. Em outras áreas os garimpeiros estão atuando, por exemplo numa pequena parte do Rio Içana existem garimpeiros mas, possivelmente eles serão expulsos de lá. Pelos Indios ou pelo CN?"

Provavelmente, eles serão expulsos pelo CN mas ao pedido das empresas mineradoras. Quem tem o poder ali : o Calha Norte e as empresas mineradoras. O que aconteceu recentemente no rio Xié, os Indios expulsaram a FUNAI com porradas. Os Indios estavam aqui quando em São Gabriel, a FUNAI estava levando todo material para a construção do postos. Quando o pessoal da FUNAI chegou aqui, eles disseram : deixam o material aqui e vocês podem ir embora; se vocês querem deixar um barco aqui, ainda melhor, vocês que se virem para voltar. Teve briga aqui. Porque os parentes desses Indios daqui foram enganados pelas empresas mineradoras e qualquer tipo de branco aqui não entra. Eles não sabem se é pessoal do CSN, das mineradoras ou da FUNAI, não sabem quem é. Se é FUNAI, não aceitam. Botaram pra rua".

Questão ? qual é a diferença entre os problemas de mineradoras e os problemas dos garimpeiros?

Resposta (Orlando) "Quem manda na região são as empresas. Os Garimpeiros não tem voz nenhuma, nem garimpeiros, nem Indios. Quem manda aqui é Calha Norte e empresas mineradoras".

(Pedro Garcia) (...) "quando os garimpeiros chegaram (antes da chegada das empresas), eles disseram para a gente "olhe vocês não podem aceitar as empresas mineradoras porque eles vão matar vocês, acabar com vocês; elas vão colocar vocês na marra. Nos não! Vamos trabalhar juntos".

Quando as empresas mineradoras chegaram eles disseram : "olhe, vocês não podem aceitar os garimpeiros porque garimpeiros estragam a terra de vocês, eles usam muito mercúrio para encontrar ouro, vocês não podem aceitar eles". Há muita briga entre garimpeiros e empresas mineradoras, dada um querendo um pedaço de chão para trabalhar. Mas como elas estão muito mais fortes que os garimpeiros, elas chegam lá e expulsam os garimpeiros".

(Orlando) "Eles expulsam os garimpeiros através do reforço do Exército e da Polícia militar".

Questão : "Vocês vê alguma possibilidade de ampliar essa Federação para alcançar toda a área de influência do Calha Norte até o Amapá?"

Resposta (Orlando) "Estamos pensando formar aqui um Conselho dos Indios da Faixa de Fronteira. Isso a FUNAI ainda não sabe. Provavelmente vai acontecer alguma porcaria com a FUNAI quando ela vai saber. Nos estavam discutindo com outros lideres de diversas áreas, nesses dias em Brasilia com a intenção de formar um, vamos supor, de Conselho dos Indios da Faixa de Fronteira. Estamos pensando, espero que der certo! "

Questão : "Obviamente vai ter resistência da parte da FUNAI e do CNS! Vocês estão pensando em algum tipo de estratégia? Se você não quiser revelar, não revela! Mas tem que haver algum tipo de posicionamento anterior à repressão contra essa idéia, encontrar uma maneira de modo que não haverá nenhuma ação contra da FUNAI ou do CNS e, segunda coisa, já preveram o que vai acontecer para tomar precauções?"

Resposta (Orlando) "os Tikuna, do Alto Solimões, estão fazendo o seguinte. Primeira coisa : se não demarcar as áreas deles, eles vão demarcar, fazer picadas como eles quiserem. Se a FUNAI resistir, a lei agora é matar, matar sem pena. Se a FUNAI resistir, a lei é, agora, eliminar alguém da FUNAI que estiver na área. Os Makuxi do Roraima não são muito longe desse idéia também. O povo do ARN, na ultima assembléia que houve, eles já viraram a casa da FUNAI de São Gabriel. Portanto, os Indios da faixa de fronteira são mais que revoltadissimos contra a FUNAI, quer dizer o PCN. Dentro do PCN tem as empresas e a FUNAI dá toda razão. Por isso vamos tentar fazer um Conselho dos Indios da faixa de fronteira. A mesma coisa que aqui com os Kaninawa do Acre e os Tembé de Rondônia. Acho que o desrespeito já foi de mais. Nas três colônias que vai haver aqui, pré vemos que vão ser campos de concentração : os Indios serão concentrados. Quando nos fazemos a viagem, eu e Pedro Garcia, nesse rio, os helicopteros da FAB nos acompanharam. Eles estão preocupadissimos de que nos, Indios, estamos nos organizando. Eles não querem que nos nos organizemos. O maior pecado foi de se juntar numa assembléia para discutir da situação, então eles deram um jeito : a Prefeitura levou uma parte, a FUNAI, outra parte, o quartel levou outra parte, nos ficamos uma pequena parte. (...) Mesmo se a gente morrer, pelo menos uma parte

desses invasores, a gente vai tentar eliminar (...) Precisamos de recursos para fazer as reuniões, encontros em vista da criação deste Conselho.

Questão? E a imprensa? qual é o papel da imprensa?

Resposta (Pedro Garcia) A gente tem mais contato com a imprensa em Manaus. Agora nem toda a imprensa tem ajudado a gente.

(Orlando) "Tem alguns jornais que fazem o jogo da classe alta, do poder econômico".

Questão? A Federação é afiliada a UNI? Qual é a ligação da Federação com a UNI?

Resposta (Orlando) : Trabalhamos juntos com a UNI. Tem alguém, no Amazonas, o Manoel Moura, da UNI que esta dando um apoio. Mas, por outro lado, a UNI de São Paulo até agora não abriu os ouvidos para nos. Quando foi criada essa Federação, o grupo de Índios cooptados foi aqui em Brasília e em São Paulo e deu outra versão dessa Federação : essa Federação foi criada pelo Conselho de Segurança Nacional, portanto a UNI não pode se meter como esse tipo de organização, eles colocaram uma impressão muito negativa da nossa organização. Imagine uma Federação criada pelo próprio Calha Norte!

Isso tem a ver com a Diretória anterior?

A diretória anterior era um Baré. Quando a Federação foi criada, a primeira coisa que a FUNAI fez foi pegar o Presidente: "agora você é nosso, você tem todo o que você precisar. Agora, tem uma coisa : você vai responder pelos nossos interesses e não o interesse do povo indígena Quando eles vieram para Brasília assinaram o documento com o General Bayma Dennys, com o Coronel Carneiro e outros desgraçados que moram aqui em Brasília. Nos lá não sabíamos. Nos sabemos pela imprensa que os Índios queriam as mineradoras pas as áreas indígenas. Quem eram? era o Edgar (Baré) respondendo pela Federação indígena e os Machados de Parí-Cachoeira. Foi quando teve uma revolta danada ali no ARN. Foram os Machados : Pedro Machado, Benedito que é o assessor do Sebastião Amâncio

de Manaus; a cabeça deles não é a cabeça dos Índios, é cabeça dos generais. Ahi os Índios mudaram o Presidente da Federação. Nos estamos fazendo o possivel para entrar em contato com as organizações do Brasil todo e de outros paises. O nosso trabalho é o mais aberto possivel".

Marcio Santilli

"Eu queria dizer que se pode supor que a maioria das pessoas que estão aqui são pessoas que já tem algum tipo de informação ou de vivência, no caso dos Índios e das pessoas que trabalham na área do Calha Norte, a respeito do PCN. Eu não vou reproduzir aqui a linha de abordagem sobre a questão do Calha Norte que já foi feita por nos durante a reunião da SBPC, quando tivemos a oportunidade discutir com bastante gente essa questão da linha de abordagem mais centrada nas implicações do PCN para a política externa brasileira. Pelo fato que já estamos a quase um ano recolhendo informações sobre o PCN e, ao mesmo tempo, tendo uma certa relação com todo o que diz respeito ao PCN, sobre o acompanhamento da questão indígena na Constituinte, vou tentar aqui levantar dois ou tres problemas, que acho, são mais fundamentais, mais sintéticos. A gente discuta tantas vezes a questão do Calha Norte vinculada a situação das populações indígenas naquela região como, até mesmo, um acompanhamento do processo constitucional no que diz respeito a questão indígena. A questão indígena de alguns anos para cá, ela passou a se colar muito forte na questão nacional como um todo. Nos ultimos anos, de muda durante o regime autoritário, quando ela passou a ser uma questão ligada com uma questão democrática como um todo, e tambem agora nestes momentos que nos estamos atravessando. Apesar das suas peculiaridades a questão indígena vem sofrer do choque da interferência sobre ela de uma série de politicas definidas ao nivel do estado e que se reportam a determinados projetos do pais, do governo. Radicalizando um pouco essa observação, eu poderia dizer que a questão indígena quase não existe isoladamente hoje no contexto político brasileiro quando sempre que ela estiver levantada, que algum problema afeta a questão indígena, é porque essa questão indígena esta em choque com questões fundamentais dentro do projeto do governo, do pais que se

tem daqui para frente. No caso do PCN, me parece que isso é tanto mais evidente pelo fato que estamos dentro de um projeto de governo com implicações variadas que vão desde uma concepção determinada de desenvolvimento regional, desde uma visão de como se deve trabalhar com a questão da fronteira nacional frente a outros pais do continente, até as implicações que este projeto tem, por exemplo, para a população indígena daquela região. Hoje, a gente observa que o PCN é voltado prioritariamente a grandes comunidades indígenas ainda existentes no país, como é o caso dos Tikuna, dos Tukano, dos Yanomami, que são ainda algumas das comunidades indígenas mais numerosas, embora o projeto afeta muitas outras menos numerosas que se encontram na faixa de fronteira. O projeto acaba atingido os grandes grupos étnicos existentes no país que, portanto, sobrecega da questão indígena no país. No bojo do PCN, nos estamos vendo que esta sendo concebida e estabelecida uma nova política indigenista no país, que não é tão nova porque ela vem na perspectiva histórica de integração forçada, mas ela é nova quanto à execução, no sentido que ela parte para a ofensiva, dentro dessa visão, que me parece uma visão muito forte, que é a visão de promover o desenvolvimento econômico das comunidades indígenas. Nos temos observado este tipo de questão de interferir muito no encaminhamento da questão indígena na constituinte. Toda essa visão do desenvolvimento regional, ela passa a ser incorporada, muitas vezes sem muita reflexão, sem alternativas por parte dos próprios Índios, ela passa a ser incorporada por grupos indígenas, como é o caso mais evidente dos Tukano, que inclusive no momento decisivo da constituinte, se deixaram mobilizar em Brasília na defesa da interferência, ou da possibilidade de exploração mineral por parte das empresas privadas ou nacionais nas terras indígenas. Daqui para frente, se essa análise esta correta - a questão indígena esta sempre grudada, sempre colada em outros grandes problemas fundamentais como, por exemplo, o problema de fronteira no país - nos temos que imaginar que a leitura dessa presente situação, os encaminhamentos políticos de qualquer órgão que se pretende dar em relação ao PCN, no sentido de influir para melhorar sua execução, ou de boicotar, seja qual for a perspectiva que a gente tem em relação a ele, nos vamos ter que

começar a incorporar uma visão mais geral do que se deve fazer naquela área. Acho que não é possível você reverter, hoje, uma opinião favorável que ha, por exemplo, a população da Amazônia em relação ao CN porque ela associa CN com desenvolvimento; se você não diz não ao PCN, pela lógica simplista pela qual essa questão passa na população regional, você está dizendo não ao desenvolvimento regional. Acho que se você hoje não tiver uma perspectiva articulada de como fazer este questionamento, de como demonstrar que é perfeitamente possível o desenvolvimento regional da Amazônia sem trucidar os Índios, se a gente não partir para este tipo de enfrentamento direto do problema, no sentido propositivo de mostrar que a sociedade, ou parcelas da sociedade, está começando a querer da conta do problema no seu todo, eu temo que a gente fica numa posição de apenas reforçar o PCN quando questionamos unilateralmente, com uma única abordagem, seja uma abordagem referente a defesa das populações indígenas, ou da defesa do meio ambiente ou de qualquer outra questão específica ou isolada envolvida na questão do Calha Norte. Acho que corremos o risco de perder o debate junto às populações indígenas que, pressionadas por uma situação de indefinição dos seus territórios, de não demarcação das suas terras, de sofrer um contato continuado, invasões, de spoliação dos recursos naturais das suas terras. Se vem até algum tipo de entidade com essa concepção do desenvolvimento econômico das comunidades e portanto a gente acaba não tendo condições políticas de questionar, levantar problemas, prevenir as consequências da implementação de projetos do tipo PCN. Se nos não somos capazes de articular essas questões, se a crítica que se faz ao PCN cai assim, quer dizer "nos somos contra o desenvolvimento regional, nos somos contra a defesa das fronteiras do país, nos somos contra o "natural" progresso das comunidades indígenas, nos não vamos constituir uma população de forças favoráveis, na opinião pública, que nos permite intervir realmente no curso de projetos dessa ordem. Acho que o movimento político abre determinados chances de que projetos dessa ordem não possam mais ser gestados em pequenos grupos que ocupam uma posição chave e estratégica dentro do aparelho do estado, dentro do governo. Acho que devemos passar por um questionamento mais radical sobre essas políticas dentro do congresso e outras instituições desde

que existe uma coordenação de forças mínimas na sociedade que nos dá condição para fazer este tipo de questionamento. A gente possa ter uma visão mais abrangente do que esta envolvido no projeto para poder ter essa perspectiva política mais global que, acho, o momento exige. Se não for possível, se começar a construir outras concepções dentro da sociedade brasileira, a minha impressão é que a situação das sociedades indígenas diretamente afetadas pelo PCN ficara cada vez mais difícil. Porque, pouco a pouco a gente vai vendo que o PCN vai ser capaz de gerar uma legislação inconstitucional que o legitime, no que diz respeito à questão indígena. Procura-se passar na constituinte, por exemplo, a determinadas formulações sobre terras indígenas que vão na linha de se se criar dois tipos diferentes de terras indígenas, o que seria uma terra definitiva à área mais aproximada das malocas, das colônias, que seriam demarcadas com estatuto efetivo de terras indígenas e as áreas que ora tomam o nome de floresta nacional de usufruto exclusivo dos Índios ou de terra apenas interditada que não chega a ser demarcada onde o PCN presuponhe o desenvolvimento de certas atividades econômicas via a entrada de empresas nos termos da portaria assinada recentemente pela FUNAI regulamentando a exploração dos recursos naturais nas áreas indígenas. É fundamental a gente ter condições de começar com um questionamento maior dessas questões todas, de procurar demonstrar que esse tipo de tratamento que vai ser dado tem um objetivo de curto prazo que é o objetivo de promover um grande leilão dos recursos naturais das terras indígenas e um objetivo de meio prazo que é de promover a integração forçada dos Índios, inclusive dessas grandes comunidades que, pelo fato de se situar geograficamente mais distantes do centro de desenvolvimento nacional e nas áreas de fronteira, conseguiram ao longo de séculos e desses anos recentes do processo de ocupação do país conseguiram sobreviver e se manter em grandes comunidades. Acho que é essa perspectiva concreta que nos temos e que nos vamos ter que trabalhar em cima dela daqui para frente. Temos que mostrar que é possível que isso não ocorra, que esses recursos naturais das terras indígenas sejam pensados como recursos, inclusive, que são estratégicos no próprio país na preservação do meio ambiente, que nos podemos fazer um trato que

a demarcação das terras indígenas no sentido estrito que ela deveria ter, ou seja as terras que são ocupadas e utilizadas para várias fins necessárias à reprodução das comunidades indígenas, podem perfeitamente ser demarcadas sem que isso implica inviabilidade de projetos efetivos de desenvolvimento regional. O proprio questionamento de que é desenvolvimento regional, acho que a concepção que hoje esta triunfando politicamente é uma concepção essencialmente predatória e, apesar de ser predatória, esta triunfando politicamente. Acredite que a gente deve começar a incorporar a questão indígena a todas essas questões nacionais importantes, e as quais, queramos ou não, ela passa a ser cada vez mais diretamente ligada. Com isso não quero dizer que não existe uma importância, relevância, do tratamento especifico da questão indígena, o que eu quero dizer é que para o questionamento politico eficaz de um projeto da ordem do PCN so é possivel se nos somos capazes de interrelacionar com muita clareza a problemática indígena envolvida no projeto Calha Norte com todas essas questões que são fundamentais para definir uma correlação de forças favoráveis na sociedade para que nos tenhamos, não apenas uma política indígenista mais séria mas para que nos tenhamos também uma política de fronteira digna que este pais necessita, este povo precisa, que nos tenhamos uma relação com os pais fronteiriços amazônicos que seja uma relação mais decente, mais adequada ao momento político internacional que nos estamos vivendo, para que a gente possa como sociedade influir nessas questões de uma forma minimamente viável do ponto de vista político".

Alcida Ramos

"Acho o que Marcio Santilli levantou é suficientemente importante para merecer depois no debate a colocação de varios questionamentos, de várias possibilidades, de pensarmos juntos sobre que estrategia a gente pode imaginar no sentido de questionar o que esta acontecendo no norte da Amazônia sem antagonizar a opinião pública que esta ou desinformada ou aceitando a propaganda que esta jogado todos os dias a ela atraves da televisão ou de jornais. Temos que pensar em que atitude tomar, que ação

tomar no sentido de trazer a opinião pública para um conhecimento mais profundo do que é o PCN".

Pedro Tikuna

"Viemos aqui falar do Calha Norte. Nos somos Tikuna, na fronteira mas não sabemos exatamente o que é PCN. Ninguém entende o que é PCN. A FUNAI diz que PCN vai beneficiar as terras indígenas. Nos temos 68 aldeias, cada uma dessas aldeias foi na sede da FUNAI para explicar alguns problemas do PCN. A FUNAI diz que o governo que está dando dinheiro para o PCN, que vai ter muitas coisas para ajudar as comunidades, vai ter novos postos, construção de enfermarias, remédios, pessoas que vão ensinar para a gente. A FUNAI provoca coisas que ninguém entende. Ela diz que o PCN vai ajudar a gente. Nos perguntamos como vai ser a demarcação da terra da gente, ela diz que não vai sair em breve porque a gente não aceitou a parque florestal e as colônias indígenas, como a gente não aceitou, não vai ser em breve a demarcação da terra. FUNAI nunca explicou o que significa Calha Norte. Algumas pessoas do CIMI começaram a explicar que o CN é coisa para terminar com as nações indígenas. A gente entende que esse PCN não é bom. Várias vezes a gente recebe uma notícia através de jornais, do Porantim, a gente conhece o que está acontecendo na terra dos Tukano, de nossos irmãos. A gente se reuniu para discutir do problema Calha Norte mas ninguém sabe realmente o que é o Calha Norte. A FUNAI de lá, o Walmir que é o delegado de Tabatinga, está fazendo um projeto muito grande junto com o CN, projeto para construir postos, enfermarias, para compra de motores de poupa, etc. para cada aldeia ter motores de luz, etc. Tudo isso ele fez para poder funcionar. Os responsáveis de cada aldeia vão lá e a FUNAI dá uma coisa só para agradar os índios, para os índios não saber o que está acontecendo por trás. A gente sabe assim que o PCN está ligado à FUNAI. A FUNAI fez isso sozinho, sem consultar as comunidades, nem os caciques, nem os professores, não consultou ninguém. No dia 30 do mês passado, nos estivemos lá na sede da FUNAI. Nos reunimos com 26 chefes de aldeias para a gente descobrir o que a FUNAI fazia junto com o CN. Ele soube,

atraves de alguns Indios que trabalham como funcionários na FUNAI, que a gente estava indo para a sede para discutir do CN; ahi, ele saiu um dia antes da nossa chegada para Manaus. A gente ficou aguardando para ele dois dias mas o cara não chegou. Um de nos telefonou para Manaus para saber onde estava o delegado. Responderam que ele não se encontrava em Manaus, que ninguem sabia onde ele estava. A gente voltou para área e um de os ficou de voltar lá para saber se o delegado tinha chegado. Nesse encontro não fizemos nada, ficamos sem solução porque o cara não estava lá. A intenção da gente é prender, fazer presos o delegado, os funcionarios até que o Presidente Jucá, resolve o problema. Se não resolver, a gente ia fechar a delegacia de lá para não funcionar mais nada. Porque a FUNAI, que é o pai dos Indios, esta fazendo um contrato com os Indios para exploração das áreas, ele permite a entrada dos madeireiros nas áreas, pescadores nos lagos, caçadores nas terras, todo isso ela esta fazendo no Solimões, na terra dos Indios. Mesma coisa no Javari, esta fazendo os mesmos problemas com os Marubo, os Korubo, os outros Indios. Então, o problema é sério. A intenção nossa, quando a gente volta para lá, é fazer uma reunião novamente para a gente fechar mesmo a delegacia de lá na nossa área, em Tabatinga. Os Indios não aceitam o PCN, juntamente com a própria FUNAI. A gente percebe que é so para terminar com as nossas terras, terminar com as nossas nações. Tem muito pouco pessoas, entre os Tikuna, que fala e escreve o português; so os professores! os caciques não sabem bem falar português. Mesmo assim, o que é que a FUNAI esta fazendo na nossa área? A FUNAI diz que nos que vestimos roupas, falam portugues, nos não somos mais Indios. Por causa disso, a terra não vai ser mais demarcada, na nação Tikuna não tem mais Indios, Indio Tikuna não é mais Indio. A demarcação não vai sair, só se a gente andar nu como antes. Na verdade nos somos Indios porque falamos a nossa língua, nos contamos nossa história, nos conhecemos onde esta o centro de nosso território sagrado, nos sabemos onde a gente nasceu, com todo isso, nos temos direito de lutar para nossa terra. Posso dizer que a CN esta junto com FUNAI mesmo na nossa área fazendo grandes explorações para terminar com a nossa terra e todo. O problema que esta acontecendo com 4 areas onde saiu um decreto para a demarcação mas mesmo com decreto

os madeiros entram nessas áreas. A FUNAI nunca se vê, nunca fica na frente. Quem fica na frente é sempre o Índio. Quando o Índio se comunica com a FUNAI, a FUNAI diz que não tem condições para resolver o problema. Quando o funcionário da FUNAI sai da área para buscar uma coisa que não serve, tem sempre vãos, tem motores, gasoline, todo isso. Mas para resolver os problemas dos Índios, quando tem doentes, para levar para o hospital, melhorar a situação, é muito difícil. Agora eles se beneficiam entre eles mesmos".

Gerson José dos Santos (Baniwa/ARN)

"O PCN já foi bastante esclarecido, questionado por M. Santilli, so eu acho que não é mais necessário pegar isso aqui; talvez a gente precisa mais é debater, ver as opiniões das pessoas; gostaria de deixar apenas alguns pensamentos, alguns questionamentos feitos por nos, Índios. A Gente vê nesse ponto varias opiniões, exatamente porque somos de culturas diferentes. Podemos ter entre nos, Índios, varias posições a respeito do PCN. A gente já tem uma convivência bastante longa, quase uma ano, que estamos convivendo com as pessoas que estão implantando esse tal projeto. Portanto, aquilo que a gente fala não é simplesmente teoria mas é uma coisa que a gente esta sentido na pele porque estamos cada dia, dia e noite, convivendo com o PCN. A gente não se baseia somente naquilo que esta escrito no papel, no programa do PCN, mas naquilo que a gente vê. Naquilo que a gente sente. Já foi colocado mais ou menos o problema, como é visto o projeto com todas as interrogações que vem por tras de todo isso, gostaria somente esclarecer o que esta acontecendo no Brasil todo, principalmente na opinião pública nacional, a respeito do projeto agora, neste momento. A gente percebe no Brasil todo como a própria opinião pública, com o povo, esta vendo o PCN, as vezes com certas razões ou certo positivismo. Quer dizer, a gente as vezes acredita que o projeto é um projeto bom para os Índios porque talvez tem uma visão diferente daquele que vê, que talvez tem um pouco mais pensando neste problema. Isso acontece entre nos, Índios, porque nem todos somos esclarecidos como o Pedro Tikuna falou. Não somos grandes intelectuais para entender o PCN. Tem alguns de nos que já

tiveram a oportunidade de sentar numa cadeira de escola, alguns a chance de sentar numa cadeira na Universidade, a gente representa mais ou menos a opinião crítica dos Índios. Claro que também nos não vivemos na cidade, a gente esta aqui por exemplo, mas viemos do povo, somos do povo indígena. De modo que aquilo que a gente diz aqui não é de nos, mas é do povo porque representamos o povo. Gostaria falar da questão da propaganda que esta feita aqui no Brasil e que tem atrapalhado bastante, pelo que vimos, a opinião pública do Brasil. Se você ligar a Globo de noite você vai ver um Índio fazendo a propaganda do PCN para a FUNAI, dizendo que o CN vai permitir ao Índio de se desenvolver, etc. Diante disso, as pessoas que são menos criticas vão logo dizer que o Índio esta apoiando o projeto sem saber quem é esse Índio e, nem tampouco, qual é o papel desse Índio, mesmo no povo indígena. Nos vimos o PCN como algo bastante nocivo para as populações indígenas. Evidentemente, como já foi falado, quando o Índio se posiciona contra o PCN, logo eles dizem que o Índio que, hoje em dia, usa um pouco de vestidos, relógios, que sabe falar mais ou menos o português, eles dizem que estamos contra a soberania nacional, que nos não queremos um Brasil de progresso, de desenvolvimento econômico. Quando na realidade, é exatamente o contrário. Os Índios de hoje, acredito eu, sabem o que querem; pelos menos tem uma certa coerência consigo mesmo, sabem questionar os problemas que estão afeitando; é exatamente a partir d'ahi que começa a mobilização. Se por exemplo, viemos uma comissão de fronteira interessada pelo problema, é porque os Índios de hoje estão questionando junto com povo brasileiro este problema? Então ahi fica a interrogação, eu estou colocando mais ou menos isso, porque depois talvez tem alguém interessado em perguntar porque a nossa posição favorável ou não. Acho importante, a partir do povo indígena, termos uma certa posição clara a respeito do projeto. Falando da propaganda, este parece um jogo muito inteligente daquele que fez o projeto, que não é do governo brasileiro mas é de um grupo que esta ahi na frente. O que estamos sofrendo, praticamente em todos as regiões do Brasil, como temos visto na reunião que fizemos a semana passada em Manaus e, ultimamente aqui em Brasília, é que o próprio

projeto não esta encontrando campos suficientes para jogar na cabeça do povo brasileiro e dos povos indígenas que, de qualquer forma, o projeto tem que ser aceitado como tal. Como ele não esta encontrando facilidade ele faz varios tipos de jogadas que, por sinal, é dificil mesmo a gente de entender. Por exemplo, os Indios que combatem o PCN (a maioria dos Indios) acham que não devem aceitar o PCN, ficam marginalizados de todo o trabalho que deveria ser de reação ao projeto. Nos, por exemplo, somos impedidos de falar com as autoridades que deveriam ser nossos intermediários, que nem o próprio órgão federal, a FUNAI. São aceitadas apenas as pessoas que são cooptadas, compradas por uma mixaria de dinheiro por eles. Eles então estão servindo de porta voz dos povos indígenas. Isso é o maior problema. O Indio que faz a propaganda do PCN, faz anos que ele não mora na região, talvez nem sabe qual é a situação da região agora. Ele recebe um certo dinheiro do PCN, especialmente da FUNAI, ele serve de cobaia para eles, faz propaganda para eles e prejudica nossas populações indígenas, nossos interesses, principalmente o trabalho das organizações indígenas. Evidentemente, dentro do projeto, eles não admitem que os povos indígenas se organizam mas essa luta de organização, estamos tentando continuar do jeito que a gente pode. Para quem vê o Indio fazendo a propaganda, ele nem é aceito na sua própria comunidade, na sua própria casa, porque o Indio sabe que o que ele faz não é para o interesse deles, exatamente o contrário. Seria bom poder esclarecer todo isso para as pessoas interessadas e para a opinião pública. Infelizmente a gente não tem espaço para isso, a gente é impedida. Como vimos aqui, o nosso irmão Yanomami que deveria ser aqui com a gente prestar esclarecimento do que acontece na área dos Yanomami foi impedido de vir pela FUNAI. Qual é o problema que a gente esta sentido na pele com o projeto Calha Norte no ARN? Estamos num verdadeiro desespero, estamos notando que estamos praticamente no fim, ainda mais com essa constituição que é na frente e que para nos é absolutamente injusta. Esperavamos, depois de 400 anos de massacres, esperavamos uma dita democracia, uma constituição que fosse justa, que, pelo menos procurasse resgatar a dívida histórica que o Brasil tem para os Indios. Quando a gente olha o substituti-

vo, nada nos é bom. É claro, a partir d'ahi, que a gente esta se preocupando muito. A gente vê a realidade, como estamos passando nas áreas de atuação do PCN. Estamos vendo que si continuar assim, dentro de 10 ou 15 anos os povos indígenas não existiram mais. Claro que si não existem mais as populações indígenas, as culturas, as tradições, todo vai para o fundo, e que só, talvez, iremos conhecer atraves da história. Os Indígenas ultimamente tentaram se mobilizar, fazer alguma coisa, nesse sentido. Mas sempre foi dito que somos Indios incapazes, que não querem ver o desenvolvimento, o progresso... Enquanto que a gente não sabe o que fazer, ficamos numa situação tão critica que nos resta apenas esperar por uma coisa que seja de milagre mesmo. Essa é principalmente a visão que nos temos lá no ARN, onde o PCN esta atuando desde um ano e onde a tendência é a perda da cultura, dos Indios, a extinção dos Indios. Se o PCN esta para integrar o Indio à comunidade nacional, por outro lado na constituição dizem que o Indio aculturado perde o seu direito a terra, etc. Se o PCN vem para integrar os Indios, é a mesma coisa que dizer que o PCN vem para exterminar os Indios porque não tendo direito a terra, o Indio por si deixa de ser. Para o Indio, terra é mesma coisa que vida. Sem terra, o Indio não pode viver porque ele vive da terra, da natureza, vive praticamente da natureza. Vamos continuar a lutar, vamos continuar fazer de todo para organizar as nossas comunidades para nos termos, pelo menos, a força de lutar pela defesa de nossos direitos. Claro que estamos preocupados com a nova constituição, com a lei, mas, mesmo assim, acreditamos que uma coisa parece ser a lei. A lei pode ser injusta, e para nos que julgamos como ela esta, ela é uma lei injusta. E uma lei que esta escrita apesar de ser injusta. Mas nosso direito, do outro lado, continua e temos que continuar a lutar pelos nossos interesses".

Marcos Pellegrini (CCPY).

"...eu vi uma coisa muito limitada num cenário meio pequeno que foi a implantação de uma vila militar no começo do núcleo de vivificação, na Serra de Surucucu. Com o trabalho que eu fazia lá, eu vi muito o lado feio da história, a morte. Em Surucucu tem Yanomami que moram lá, tem um

posto da FUNAI no alto de uma serra. O contato lá com os Índios começou em 75, 77; um avião desceu numa pista natural que tinha no alto dessa serra. Foi a instalação de uma missão da MELVA? que ficou mais ou menos 10 anos até ser expulsa por um grupo de Índios. Nessa época que a missão foi expulsa, em 77, como resultado da pesquisa Radam Brasil, a DOCEGEO, uma subsidiária da Paranapanema, da Vale do Rio Doce, fez uma pesquisa com mais de 500 piões; tinha um garimpo também. Houve conflitos entre garimpeiros nessa época. Muitos Índios ficaram trabalhando no garimpo ou olhando e os garimpeiros tinham um certo medo dos Índios pelados, eles conversavam com eles, não se entendiam e de repente estavam flechados. Eles davam para eles comida, presentes; muita gente parou de plantar roças, ficou com fome depois quando saíram os garimpeiros quando teve essa briga. Desde então se manteu um posto da FUNAI em Surucucu, de 75 até 85. Foi um desses postos que até um certo ponto tinha uma certa infraestrutura, uma pista de pouso grande, 1000 metros, tinha um bufalo da FAB que vinha uma vez por mês mas passavam-se seis meses sem eles vir por causa da chuva, da neblina, etc. O trabalho dos sertanistas que ficaram lá nesse tempo : fizeram obras : construíram um hospital que não funcionou direto porque os Índios não queriam dormir na cama, não se podia fazer fogo lá dentro. Tinha uma hidroelétrica que segurava pessoal para fazer um trabalho de saúde na área e tinha condições para isso : geladeiras para vacinas...Eu foi lá pela primeira vez em 85, no começo do ano; não tinha ouvido falar do Calha Norte, era só na cabeça de algumas pessoas. Encontrei lá a situação desse posto que, teoricamente deveria atender 4000 Índios da serra, na verdade são 700 que chegam até o posto. Os outros são inimigos que estão perto do posto, inimigos que estão no caminho e que não chegam nesse posto. E os Índios até lá tinham conhecido alguns brancos que eram os missionários que eram 4 pessoas, e eles sabiam os nomes; os funcionários da FUNAI (poucos) e os garimpeiros com essa coisa de brigas a facadas, etc. Começaram a chegar outros brancos, soldados. Ninguém tinha entendido falar do PCN. Colocaram sertanistas para conversar com os Índios que seria interessante fazer um aeródromo que ia melhorar muito, que ia ter transporte todo tempo, mesmo com

chuva, neblina, que ia ter radio. Foi a primeira conversa do aerodromo. Nessa época, em Surucucu em termos de doenças, era um paraíso na Amazônia : tinha umas gripes, rara, cujos efeitos eram dramáticos mas eram esparsas, dava para a gente se recuperar; malária, era um dos poucos lugares ocupados pelo CN que eram exemptos da malária; não tinha tuberculose; tinha verminoses mas não estava matando ninguém. O povo estava crescendo, a maior parte da população abaixo de 5 anos, nascendo bastante gente e crescendo. A partir de abril de 86, começou a melhoria dessa pista. Foi o primeiro contato direto, acho, que o povo teve com o CN. Usaram dinamita, eram 1000 metros de pista que foram dinamitadas, todo mundo ficando impressionado. "Esses Brancos são valentes mesmo, eles tem fogo grande " e começaram as mais frequentes gripes. Em janeiro de 86, houve 20 casos de gripe, em fevereiro 30, em março 10, em abril 150. Em janeiro, fevereiro e março não tinha ninguém com dores nas costas, dores musculares : em abril eram 60, que eram justamente os Índios que foram empregados para carregar as pedras. Antes disso fizeram um levantamento. Veio um major do Exército que fez um levantamento da região toda perguntando para o chefe do posto, que é uma pessoa da Amazônia, antigo seringueiro, e para a mulher dele, o que precisava para os Índios da região. A mulher dele pediu vassouras para a limpeza do posto, sabão, enxadas, motosserra, etc. e isso que foi discriminado na verba do CN para a frente de atração de Surucucu : vassouras, sabão, enxadas, etc. Isso para os 4000 Índios que ninguém viu direto. Na construção da pista, os Índios eram empregados : houve uma época em que 100 Índios trabalhavam um mês e receberam como pagamento 30.000 cruzados em mercadorias, em espécies, em sabão, terçado, etc. 30.000 cruzados para 100, davam 300 czs para cada Índio : isso dava 2 terçados, ou uma rede para alguém que trabalhou um mês comendo farinha com água e açúcar, carregando areia, subindo na serra. Os piões não queriam fazer isso. Os Índios fizeram. Em 85, quando não teve quase nada, dos 700 pessoas mais perto do posto morreram 2 pessoas; em 86 morreram 7; em 87 morreram 17, a maioria criança, a maioria velha. Quando os primeiros militares chegaram lá, as primeiras equipes para fazer o levantamento ficaram um

pouco impressionados de ver um monte de homens pelados, pintadas de vermelho, de roxo, pegando nas estrelinhas do general, o que era isso, etc. Isso incomodou muito eles. A primeira coisa foi de criticar o trabalho do sertanista que não tinha feito nada na área. O trabalho indigenista ideal, parece, seria de dar roupas aos Índios. Foi quando começou a regulamentação de entrar roupas na região. Todo mundo podia trabalhar na pista, conseguir um calção, uma camisa; na época da copa todo mundo ficou uniformizado com camisas amarelas; pelo tempo, ficavam sujas, rasgadas; ahi chegava uma comitiva e diziam "realmente são os caboclos imundos, todos sujos, rasgados. Nos temos que vir aqui dar uma força. Olha so como as crianças são gripadas! Mas não era bem isso; Os Índios começaram a se assustar; enquanto faziam a pista, todo bem; ahi começaram a fazer os primeiros pilares para botar casas prefabricadas. Enquanto isso, já houve muitas oportunidades de as mulheres ser cantadas pelos piões com quem já tiveram algum desentendimento. Observaram que eram viciados. Estavam ficando com epidemias que eles não tinham antes. Foram reclamar no posto da FUNAI, geralmente a FUNAI não deixe eles chegar lá, só que eles foram lá com bordunas e foram derrubar as casas eles queriam saber o que que era. Já houve brancos, tinha sido ruim, eles tinham brigado; eles não sabiam direto que eram esses brancos que chegavam lá, embrulhados de verde, diferentes, que faziam essas casas, que estavam lá caçando a comida deles, que estavam chamando as mulheres deles para transar, e que eles achavam que estavam trazendo as doenças. Nessa conversa teve uma tensão muito grande no posto; o chefe do posto conseguiu conversar os Índios para marcar uma reunião com o chefe dos soldados, o chefe da FUNAI, para explicar o que que era aquilo, porque iam morar mais brancos em cima, etc. Conseguiu marcar uma reunião com o comandante militar da Amazônia, com o Sebastião Amâncio, com o comandante do Batalhão especial de fronteira de Boa Vista, para março deste ano. Foi dia 23 de março. Os Índios ficaram perto do posto, se reunindo como pessoas da redondeza para discutir o que iam falar. A reunião que foi adiada duas vezes para uma outra data. Enquanto isso, os Índios ficaram puta mas ganharam um emprego, ganharam um calção, foram desmobi-

lizados, foram embora até a reunião ser marcada na última hora "é amanhã!". Tinha lá então 4 chefes e chegou a comitiva com varios militares, com Amâncio, com outro pessoal da FUNAI. Ficaram sentados em poltronas e chamavam os chefes, um por um, que ficavam de pé na porta. Tiravam o tabaco e falavam o que estavam pensando apesar do constrangimento. Falavam que eram com medo, eram preocupados dos Brancos que iriam morar lá; que iam caçar a caça deles ou que iam procurar a cassiterita que fora descoberta na época da pesquisa do Radam Brasil, que ia acabar os camarões, caramuchos, etc?; que eles estavam chamando as mulheres deles para ter relações e que as crianças estavam morendo agora; que eles não queriam, de jeito nenhum, que morasse mais gente lá; que bastava o posto da FUNAI. Mas ahi, o comandante militar da Amazônia explicou que não era nada disso, ele fez um exposição dos motivos do Calha Norte; eles iam vir para não deixar os garimpeiros vir aqui, para defender a terra de vocês. Nos não vamos comer nada daqui, a nossa comida vem de avião, não vamos matar bicho nenhum, não vamos derrubar a mata para fazer roças, e ninguém vai procurar minérios. Nos vamos ser poucos, 60 homens; so que 60 homens, é maior que a maioria das comunidades yanomami que estão espalhadas na serra. Prometeu remedios, dentista, escola, ia ser muito bom! Os chefs disseram "ta bom, se é assim! vamos ficar contentes e juntos, mas se não fosse assim, Indio vai voltar aqui para bater de novo". Continuou o CN. Continuaram as gripes. Numa comunidade de 320 pessoas, a segunda semana 280 delas eram gripadas, deitadas, 84 com pneumonia com um estado um pouco mais grave; não tinha ninguem para ir na roça buscar comida, para buscar agua, lenha; tinha umas duas pessoas que estavam melhor dando uma força para os outros. Os Yanomami fugiram pelo mato, foram comer uma fruta, uma castanha, que eles acham ia fortalecer; não conseguiram subir na árvore para cortar o galho; derrubaram a árvore; só que agora não tem mais dessas arvores para comer na próxima epidemia e, quando eles vão precisar, não vai ter mais saida dessa epidemia, morreram 7 pessoas, 3 velhos e 4 crianças. Afora isso, os problemas de relacionamento : o que significa por um piõe trabalhar em Surucucu? é um relacionamento meio escravagista. Muita gente que estava como piõe ficou meio neurótico (...). O pessoal da instalação de

outras pistas estava tentando garimpar no Paápiu. Se leve uma sacola de bugiganga e troca com os Indios. Na maloca mais perto, tem até um fogão a gaz; tem um belixe, também, na troca de alguns Indios que garimpam. Agora continua o fornecimento de munição. Há des dias atras, saiu 5 piões correndo porque os Indios queriam mata-los porque tentaram relações com as Indias; as gripes continuam com as crianças morrendo; antes do Calha Norte a FUNAI tinha 9 atendências de saúde no Surucucu, tem uma que, pela primeira vez vê os Indios assim; mas não dá para atender, o Branco esta trazendo doenças mas não dá para atender se não conversar com eles; Tem um grande consumo de aspirina, de pomadas, de remédios sem efeito, uma grande quantidade de dinheiro aplicada no CN na medicina. Pelo que eu entendi do responsável da saúde no CN, a saúde se resume a alguns camiões de remédios. A assistência médica vai ser remédios sem cuidar de quem necessita realmente. Dos 9000 Indios Yanomami, existem uns 2 Indios que falam razoalmente bem portuges e a FUNAI tem 4 funcionários que falam razoavelmente bem o yanomami. Acho que não dá para atender os 9000 num caso desse! Em Surucucu tem 4000 Indios dos quais, 2700 não chegam no posto mas as doenças chegam : as gripes vão para a serra inteira, para aldéias dos 4000 Indios que não podem vir até o posto buscar remédios. Fui numa aldeia dessa que nunca tinha indo no posto : tem um monte de crianças de colo de até 6 meses, todo mundo mamando, gordinho; crianças de um ano, tem 2; crianças de 2 anos, não tem nenhuma; crianças de 3, não tem nenhuma; de 4 anos sobrem algumas. O que esta acontecendo? Tem bastante crianças que estão nascendo, tem bastante mulheres de idade fértil, mas não crescem, porque morrem de penumonia, principalmente se a mãe fica doente; então eles não estão aumentando; há 5 anos atrás, tinha 24% da população abaixo de 5 anos, agora é 19%. Isso para os Yanomami que, até então, não tinham doenças. No Ericó sobre 180 pessoas, morreram 16 crianças de malaria. Os outros Yanomami, que tiveram contato faz mais tempo, da Perimetral Norte, do Ajarani, teve uma epidemia de sarampo que matou 50% de umas comunidades. Isso pode acontecer de novo. A gente pensa num genócidio (...) No território de Roraima, em Boa Vista, tem aumentado os casos de sarampo

nas casas. No Ericó, continua morrendo 10% da população a cada dois anos, quantos vão sobrar? mas eles vão mudar de lugar. Mas agora já não é mais para os Yanomami ir da periferia encurralando e matando, tem um monte de focos de entrada das doenças em Surucucu, no Paápiu, no Ericó, etc. Aquela coisa que invadiu agora vai de dentro para fora também. Morreram 16 pessoas em 80 é uma catástrofe que não saiu em jornal nenhum! em proporção é muito maior que o acidente de Goiânia! (...) Os garimpeiros mataram 4 Índios em Paapiu. A FAB, 80 homens do Exército, a Polícia Federal foram mas não conseguiram retirar os garimpeiros. O Calha Norte é para defender as fronteiras mas não deu para tirar 2000 garimpeiros que defendem de taxis aereos que vão todos os dias levar comida, remédios para eles. Os Yanomami guardavam melhor a fronteira. No cambalacho tem agora 4000 garimpeiros; um garimpeiro garimpa 1 kg de ouro por semana, são então 16.000 kilos de ouro por mês."

Alcida Ramos

"...Marcos Pellegrini é médico, integrante de uma equipe de 3 médicos e uma dentista da CCPY que se dedicou a defender os direitos dos Índios yanomami primeiro pela terra e, mais recentemente, pela saúde dos Yanomami. Depois de muita batalha para encontrar pessoas certas para fazer o trabalho, finalmente a CCPY encontrou essa equipe de 4 pessoas muito dedicadas, fazendo um bom trabalho. E o que faz a FUNAI? ela expulsa a equipe da área. Tenho a cópia de uma carta que foi escrita pelo Ministro do Interior dirigida ao Ministro do Exército, eu não conheço a data que não aparece nessa cópia, comunicando que a FUNAI tinha passado uma resolução proibindo a entrada de todas as pessoas estranhas à área inteira dos Yanomami, de modo que só teriam acesso a essa grande área o pessoal da FUNAI e do CN. Em fim de agosto, foram retirados da área os médicos da CCPY e os 2 missionários da missão de Catrimani que estavam lá, e inclusive, a força. Foram substituídos por 8 ou 10 soldados da PM mais o pessoal da FUNAI que passaram a patrulhar na comunidade do Catrimani. Essa é a história. O que o Marcos contou, é o conhecimento que ele teve desde que ele saiu da área, e daí para cá, não se sabe exatamente quantas pessoas morreram. Já que há um estado de

sítio, Os Yanomami estão sitiados, ninguém pode entrar lá. Eles proibiram a pesquisa antropológica e só saíam os Índios que eles deixam sair para propósito de conversar com o CNS...A falta de informações é quase absoluta"

Marcio Santilli

"Não sei se o PCN concorre a extinção dos Índios, acho que isso é mais verdade para os Yanomami que para os Tukano e outras comunidades que tem maior resistência ao impacto do contato. Vai ter integração forçada, não eliminação física mas integração forçada. Inclusive, essa concepção muitas vezes fortalece a posição do CNS em relação aos Índios. Porque dizem "nos queremos fazer colônias indígenas, os colonos são vocês". Na verdade o CN apirmorou certos tipos de instrumentos legais para fazer cooptação dos Índios. Não acreditou que os Tukano vão ser eliminados fisicamente mas vão perder as suas terras, etc. Daqui a pouco vão ter que procurar o INCRA para poder se virar e sobreviver".